

A MEMÓRIA DO BRASILEIRO É CURTA?

Maria Thereza F. I. de Sulima Arczyńska.

A frase de Ivan Lins – “O Brasil é um país que esquece a sua história a cada 15 anos” – resume um dos mais graves problemas culturais do Brasil.

É uma realidade que, infelizmente, se reflete em vários setores, incluindo o das letras, onde a *palavra* desempenha papel primordial.

Como disse José Paulo Paes, “palavras são um brinquedo que não fica velho. Quanto mais as crianças usam palavras, mais elas se renovam.”

Além disso, o sábio nunca é precipitado na escolha delas, segundo Confúcio, pois elas são “o desenho do pensamento”, devendo ser usadas “mais pelo peso do que pelo número”, segundo o provérbio: “*Deliver your words not by number but by weight.*”

O mesmo filósofo chinês acrescentou: “Sem conhecermos a força das palavras, impossível nos é conhecer os homens”, pois “muitos tesouros além daquele de Ali Babá são abertos com uma chave verbal”, de acordo com Henry Van Dyke.

Onde podemos encontrar as palavras? No *dicionário* – “aqui como nas obras literárias de alta criação artística, cada palavra vale, e vale por si mesma, por suas antenas e por suas sinopses conectivas das outras *cadav* palavras”, na opinião de Antônio Houaiss, em seu Prefácio-estudo no *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi*, de Antônio Geraldo da Cunha.

E o que é *dicionário*? É “o universo por ordem alfabética; é o livro por excelência. Todos os demais estão contidos nele; é questão de saber tirá-los dele” – conforme disse Anatole France.

Assim o definiu Pablo Neruda, em sua *Oda al diccionario*: “Diccionario, no eres / tumba, sepulcro, féretro, / túmulo, mausoléu, / sino preservación, / fuego escondido, / plantación de rubíes, / perpetuidad viviente / de la esencia, / granero del idioma.”

A palavra *dicionário* (séc. XVII) provém do latim medieval *dictionarium* ou “*dictionarius scilicet liber*”, este, do latim *dictio*, *-onis* ‘ato de dizer, de exprimir, de pronunciar; uso da palavra, discurso, conversa; modo de expressão; predição, resposta de oráculo’ (1813) – proveniente da raiz indo-européia *deik* –, *dik* – ‘mostrar’.

Em sânscrito, *koça* – é ‘recipiente, caixa, arca, tesouro etc.’, provavelmente oriunda de *(s) *keu* - , em palavras para ‘cobrir’ e era, também, a palavra comum para ‘tesouro de palavras’ – o dicionário.

Daí, nas *línguas românicas*: *diccionario* (esp.), *dictionnaire* (fr.), *dizionario* (it.), *diccionari* (cat.), *dictionar* (rom.). No inglês, é *dictionary*.

Já em alemão, é *Wörterbuch* ‘o livro das palavras’ – um composto de *Wort* (em dinamarquês e sueco, *ord*; em holandês, *woord*), do germânico **worda* –, esta, por sua vez, do indo-germânico **urđho* –, e da palavra *Buch*.

Já entre os *eslavos*, a palavra *dicionário* tem origem diferente. Assim, em russo, é *slovar*, de *slovo* ‘palavra’, e, em polonês, *slownik*, de *slovo* ‘palavra; fala’, da mesma raiz de *slawa* ‘fama’ (*slu-*), como em *sluch* ‘audição’. Então, por incompreendidos pelos eslavos, os germanos eram chamados de *Niemcy* < *niemy* ‘mudo’ < *niemowa* ‘que não fala; mudo’, de *mowa* ‘fala’ – alcunha dada por zombaria aos seus vizinhos, já existente antes de Cristo e endereçada aos godos. Como substantivo e adjetivo pátrio, mas sem essa conotação, é usada até hoje: *Niemiec* (sg.), *Niemcy* (pl.).

Para Samuel Johnson e muitos de seus predecessores, “o dicionário era tanto um livro de palavras como uma combinação de todas as outras como uma combinação de todas as outras categorias literárias, a quintessência dos livros designados para realizar todas as tarefas de entretenimento e instrução, ligadas a escrita de qualquer espécie”.

Se a ação *lexicográfica* “pretende estabelecer um diálogo entre o autor e um público e concluir que o plano inteiro desse diálogo compreende duas etapas: a do autor diante da obra e a da obra diante do público”, coube a Antônio Geraldo da Cunha, o “engenheiro das palavras”, um dos maiores lexicógrafos brasileiros, realizar tal tarefa, antes de nos deixar há pouco.

Diplomado em arquitetura, aos 24 anos (1948), cedo se voltou para a pesquisa filológica e trabalhos ecdóticos. Em 1961, quando pertencente aos quadros do Instituto Nacional do Livro (1955), foi designado por Augusto Meyer, diretor do mesmo, para organizara coleção *Dicionário da Língua Portuguesa – Textos e Vocabulários*, havendo sido co-editor (1975).

Publicou várias obras, com edições diversas, dentre as quais: *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (1978), *Índice do vocabulário do português medieval*, *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (1982) etc.

É sobejamente conhecida a sua forma como “engenheiro das palavras”, por haver aplicado seu engenho e seu conhecimento científico ‘a utilização da técnica da lexicologia e da lexicografia em obras perenes, engendradas por seu talento, com excelente equipe de colaboradores.

Assim podemos aplicar a A. G. Cunha o que disse Vergílio: “*Felix qui potuit rerum cognoscere causas*” (*Georgicas*, l. II., v. 490).

Se “a linguagem é somente o instrumento da ciência e as palavras são apenas os sinais das idéias,” como disse Samuel Johnson, sempre

existe, infelizmente, a possibilidade concreta de acontecer o que os antigos já profetizavam: “Verba volant, scripta manent.”

Assim, os *dicionários* estão aí como “tesouros de palavras”, um monumento sempre vivo, dinâmico, um escudo contra o que vem acontecendo no País – a “*espécie de memória-zap*”, ainda mais forte ainda mais forte e refinada que “*delete*”, pois apaga permanentemente, “zapeando, queimando, fritando” as informações recebidas, armazenadas em nossa memória, num gesto tão simples e fácil como aquele ao usarmos o controle remoto, frequentemente, para mudar de canal.

BIBLIOGRAFIA

- BERTARELLI, E. In NINA, Aldo della. *Dicionário da sabedoria*. São Paulo : Edameris, 1964. V vol.
- BRÜCKNER, Aleksander. *Słownik etymologiczny języka polskiego*. Warszawa : WP, 1985.
- BUCK, Carl Darling. *A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-european languages: a contribution to the history of ideas*. Chicago, Ill. : The University of Chicago Press, 1949.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras de origem tupi*. 4. ed. São Paulo : Melhoramentos; Brasília : UnB, 1998.
- DE MARIA Jr., Robert. *Johnson's dictionary and the language of learning*. Oxford, Engl. : Clarendon Press, 1968.
- FRANCE, Anatole. *La vie littéraire*. 68e. éd. Paris : Calmann-Lévi, 1930, II vol.
- FULLER, Edmund, ed. *Thesaurus of quotations*. New York : Rown Publishers, 1941.
- JOHNSON, Samuel. *A dictionary of the English language*. London, 1755. II vol.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa : Confluência, 1952.
- NERUDA, Pablo. *Nuevas odas elementales*; in: *Antología poética*. Trad. Eliane Zagury. 12. ed. bilingüe. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1988.
- VERGÍLIO. In FUMAGALLI, Giuseppe. *Chi l' ha detto?* 9. ed. Milano : Ulrico Hoepli, 1946.